



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA NA MANUTENÇÃO DA ORDEM NOS SERINGAIS DURANTE O PRIMEIRO CICLO DA BORRCHA NA REGIÃO DO JURUÁ

Silva Filho, João Gonçalves da *

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretende-se realizar uma análise do papel desempenhado pela Igreja Católica para a manutenção do status quo estabelecido, durante o processo de povoamento dos territórios do Acre, no primeiro Ciclo da Borracha (1879 - 1912), sobretudo na região do Juruá. Sabe-se que, tal processo de ocupação, se deu de forma bastante diversificada e conturbada, pois os migrantes desconheciam a região e não sabiam a que tipo de trabalho seriam submetidos. No entanto, eram, em sua maioria, homens e mulheres de uma profunda religiosidade e que traziam consigo as marcas de uma região, posteriormente identificada como Nordeste, onde a voz do padre era considerada a voz de Deus. Isso seria de grande utilidade para a Igreja, pois poderia arrebanhar o máximo de fiéis e se estabelecer na região, para o Poder Público e as classes dominantes, os então seringalistas, que tinham interesse no povoamento destas terras por brasileiros e que precisariam do apoio de uma instituição externa e com credibilidade para que não questionassem as relações adotadas entre patrão e trabalhador, entre seringalista e seringueiro.

Em vários momentos da história é possível identificar que a Igreja sempre esteve ao lado daqueles que, de certa forma, detinham o poder. Na Idade Média, por exemplo, ela conferia o caráter divino aos reis e rainhas. Com isso estabelecia uma relação de paternalismo e protecionismo, beneficiando-se do uso de bens materiais colocados à sua disposição por quem estava no poder ao mesmo tempo em que o

* Mestrando em Letras: Linguagem e Identidade - PPGLI Universidade Federal do Acre. Email: j.goncalves14@yahoo.com.br.

legitimava por meio do discurso, conferindo-lhe o caráter irrefutável e fazendo com que os povos fossem submetidos a regimes de exploração e injustiças.

Não obstante, isso fez com que, em longo prazo, a Igreja se tornasse uma das instituições mais respeitadas no mundo uma vez que tinha o apoio dos poderosos e já havia se consolidado como uma instituição forte e que se proclamava representante de Deus na terra. E não foi diferente durante a colonização da Amazônia, devido a grande confiança depositada nos membros desta instituição, ela poderia contribuir na organização social nestas regiões, assim e acordo com estudos, “[...] o primeiro esforço de disciplinar as atividades regionais, devemos aos missionários, que intentaram o aldeamento dos gentios e sua incorporação à civilização do tipo europeu.” (BATISTA, 2006, p.68).

Através dos relatos de viagem dos primeiros missionários que percorreram estas terras, discutiremos as relações estabelecidas entre a Igreja, quem estava no poder e aqueles que eram explorados, enganados e de todas as formas, subjugados. Busca-se observar o posicionamento desta instituição frente a estas questões e sua atuação para o estabelecimento do conformismo daqueles que estavam fadados à exploração no seringal, refletindo sobre como foram estabelecidos no cotidiano das comunidades seus rituais e seus cultos, em detrimento de outros já existentes ou que também tentavam se estabelecer. Propõe-se, com isso, verificar se a Igreja contribuiu para as injustiças cometidas contra os trabalhadores dos seringais ou se houve, por parte dela, algum tipo de denúncia ou apoio aos que estavam sujeitos aos mandos e desmandos dos patrões.

1. O OLHAR DO COLONIZADOR PARA A REGIÃO

Muitos são os aspectos a serem observados pelos missionários que irão percorrer as regiões dos seringais nos territórios que posteriormente se tornarão acrianos. Alguns deles, como é o caso do padre Parrissier, estarão constantemente observando as narrativas dos primeiros missionários e de outros que mapearam e descreveram a região amazônica como um todo. É importante observar que o olhar lançado para esta região seria o do europeu, do outro, daquele que enxerga o mundo a partir de sua cultura, crenças e valores o que, em alguns casos, contribui

para o surgimento de preconceitos, críticas e incompreensões, uma vez que estavam embebidos dos valores de seu tempo e de seu povo.

Assim, as condições climáticas, a fauna e a flora, os hábitos alimentares, as características físicas das pessoas da região colonizada serão alvo de observações, correções e críticas. Por exemplo, em relação à questão climática muitas observações foram feitas e como cada um vivenciava uma experiência diferente em relação a ela, não havia um consenso para determinar o tipo de clima que predominava nestas regiões nos períodos da exploração, “[...] os fenômenos climáticos foram registrados, não somente por sua peculiaridade em si, mas também pelo efeito – positivo ou negativo – que exercia sobre os conquistadores.” (UGARTE, 2009, p. 249)

Ao adentrar às terras amazônicas, muitos missionários estrangeiros podiam contar com vários escritos, feitos pelos primeiros cronistas, que os auxiliariam em sua passagem por estas terras e seriam úteis até mesmo para os casos em que fossem acometidos por doenças ou outras situações, tendo informações sobre como retirar da própria floresta matéria-prima para as mais diferentes situações. Foram feitos vários levantamentos sobre estes aspectos por cronistas diferentes e com enfoques diversos, como é possível verificar neste relato:

No segundo momento da sua narrativa, o jesuíta apresentou as novidades da flora medicinal, que ficaram restritas a certas espécies arbóreas. Sobre tais espécies, Acuña não se limitou a registrar seus nomes tupis. Voltou sua atenção, outrossim, para as substâncias que elas produziam e para o que aquelas serviam. Assim, nosso cronista noticiou aos seus leitores de maneira explícita, as maravilhosas propriedades cicatrizantes do azeite de *andiroba*. (ibidem, 2009, p. 281)

Outro aspecto que merece ser destacado são as impressões dos cronistas sobre as pragas¹ e insetos que poderiam ser encontrados nas terras da Amazônia. Há relatos de que “[...] deste novo conjunto, os *mosquitos* foram os primeiros a figurar nas crônicas da Conquista da Amazônia. Malgrado terem sido registrado sob tal nome genérico, alguns gêneros são identificáveis, hoje, graças a outros informes dados pelos cronistas.” (UGARTE, 2009, p. 337).

¹ Expressão utilizada por Auxiliomar Ugarte em um dos tópicos do Capítulo VI: A Fauna Amazônica entre o Bem e o Mal.

Anos mais tarde, em sua missão pelo Juruá, o padre Parrissier também passará a conhecer os insetos já anteriormente descritos pelos cronistas e nos contará um pouco das experiências e das impressões que estes podiam deixar. Em uma de suas passagens, ao se referir ao pium, ele expõe que:

Este inseto é pequenininho, um verdadeiro pequeno mosquito, menor do que uma pulga, mas o que ele perde em tamanho, parece que quer recuperar pela maldade, o que corresponde ao velho ditado: quanto menores Deus os faz, piores são. Neste caso é absolutamente verdade. Este maldito mosquitinho saído, como dizem as pessoas da região, do compartimento mais malicioso do diabo, não dá um momento de trégua enquanto dura o dia. (CUNHA, 2009, p. 49)

É ainda relevante abordar o modo como eram vistos os homens que habitavam estas regiões da Amazônia pelos europeus que por aqui passavam, visto que não estavam habituados aos costumes e trejeitos que eles apresentavam, comparando-os, quase sempre, com animais ou outros seres da floresta. Esse fato pode ser percebido na fala do padre Parrissier ao narrar o que acontecia durante a viagem:

O mais interessante da banda era certamente o que tocava cavaquinho, um negro da Bahia, aparência de macaco de alma branca como neve: imaginem este tipo, com o seu instrumento na mão, o cachimbo na boca, olhos fixos no teto como que em êxtase, acompanhando com movimentos de cabeça e das pálpebras as modulações da música... Vocês perderam bastante com a perda do clichê. (ibidem, p. 12)

Já em relação aos índios, Parrissier procura desconstruir a visão difundida pelos primeiros cronistas, na qual eram vistos como seres selvagens e sem nenhuma compaixão, sem noções morais e de civilidade, incapazes de se desenvolver sozinhos, necessitando que o europeu o ajudasse, deixando de reconhecer que sua cultura, embora diferente, era algo presente e desenvolvido a seu modo. Em muitos outros relatos o indígena era considerado um ser totalmente deturpado incapaz de se estabelecer na sociedade civilizada, como é possível ver na seguinte passagem:

O indígena é declarado impermeável à ética. Ausência de valores, e também negação dos valores. Ele é, ousemos dizer, o inimigo dos valores. Nesse sentido, ele é o mal absoluto. Elemento corrosivo, destruindo tudo de que se aproxima, elemento deformante, desfigurando tudo que se refere a estética ou a moral, depositário de forças maléficas,

instrumento inconsciente e irrecuperável de forças cegas (FANON,2002,p. 58).

Ele observa, no entanto, que as tribos indígenas poderiam ser terrenos férteis para a pregação do evangelho e que os índios poderiam se tornar excelentes cristãos. Parrisier lança críticas à captura dos índios e à invasão de suas terras e, ao mesmo tempo, elogia a postura do governo ao tentar acabar com tais práticas, assim ele afirma que “o governo brasileiro reconheceu isto também, e é mérito seu ter chamado os únicos auxiliares capazes de ajudar, os missionários. Reconheceu que o único meio prático capaz de impedir tais atos é a pregação do evangelho.” (ibidem, p. 55)

A partir dos exemplos vistos, fica claro qual o sentimento dos missionários em relação à região amazônica, suas populações e seus elementos naturais. A maioria deles, por não compreender certas questões ou por não conseguir ampliar seu ponto de vista sobre alguns aspectos, acabou cometendo equívocos e preconceitos, alguns de forma intencional. Dessa forma, é possível inferir que estas atitudes contribuíram para que os povos que habitavam estas terras fossem vistos com olhar de subordinação, como aqueles que precisavam ser dominados.

2. A RELAÇÃO IGREJA X CLASSE DOMINANTE X TRABALHADORES

Como é possível observar através dos relatos do padre Parrissier, no período do apogeu dos seringais, não havia a possibilidade de manter os padres fixos nestes locais devido ao isolamento, à escassez de missionários para atender grandes extensões de áreas ao longo dos rios e a falta de recursos por parte da Igreja, por isso, as missões eram realizadas com a quase total dependência da boa vontade daqueles que tinham posses e que, por estas e outras ações, eram sempre considerados bons cristãos. Percebe-se que ele inicia o relato com as seguintes palavras “[...] mas, antes de lhes contar a nossa longa viagem com as suas peripécias, vocês acharão bastante justo, como nós, que pensássemos primeiro em agradecer o Sr. Pinho, o generoso bem feito que nos forneceu os meios para fazê-la nas melhores condições possíveis”. (CUNHA, 2009, p. 01)

A Igreja necessitava levar a fé aos povos isolados na floresta através dos sacramentos e da instrução cristã. Por outro lado, tal empreitada não poderia se realizar se não tivesse quem a custeasse uma vez que, pelos serviços religiosos que seriam oferecidos pelos missionários aos seringueiros, aos seus filhos e esposas, não receberiam pagamentos que servissem para custear as despesas decorrentes da viagem.

Assim, dependiam da generosidade destes, em geral, seringalistas e proprietários dos barracões nos seringais onde passavam. Por isso, era necessário que não questionassem aquilo que estava previamente estabelecido no seringal.

Era muito provável que, os padres, ao chegarem nesses locais, observassem como os seringueiros eram tratados, a forma como viviam e adquiriam os bens de consumo de que necessitavam, uma vez que estavam na total dependência de quem tinha o poder de mando, que era o dono do seringal e do barracão:

A prelazia parecia assim bem convencida que para “dilatara Reino de Jesus sobre a terra”, precisasse se aliar com a classe dirigente, ou através dela evangelizar o povo. Tornou-se praxe o missionário hospedar-se na casa do seringalista durante as desobrigas na floresta. (...) o inimigo a combater não era o sistema do barracão, que eles nem chagavam a questionar. O verdadeiro inimigo para eles era a ignorância religiosa (...) era a imoralidade familiar (...) era o protestantismo (...) era a maçonaria enquanto se manifestava com o seu liberalismo e anti-clericalismo. (PERTÍÑEZ, s/d: 104)

Ao narrar a forma de produção e comercialização da borracha, Parrissier descreve o processo de extração do leite pelo seringueiro, a disposição do seringal e a qualidade da borracha, classificando-a em fina, entre fina e sernambi, possibilitando verificar que não era um trabalho simples de se realizar. Além de contar com as inúmeras dificuldades que o próprio processo lhe impunha, o trabalhador teria que ter o cuidado para não ser enganado pela esperteza e desonestidade do patrão na hora da venda ou, pode-se dizer, da troca da borracha produzida pelos produtos que necessitava para sua sobrevivência. Por outro lado, havia casos em que também estava há desonestidade da parte do próprio seringueiro que misturava outros produtos ao leite para aumentar seu peso.

Dependendo da produção da borracha e do total de estradas de seringueiras que este possuía, era que se podia medir a prosperidade do seringal:

Quando chega o momento de embarcar estes produtos para Manaus ou para o Pará, ele o vende para o patrão, quer dizer, àquele que lhe adiantou, durante o ano, tudo aquilo que ele precisou em víveres, roupas, fumo e sobretudo cachaça. Se o patrão é honesto o que nem sempre ocorre contenta-se com 10%; se aquele que compra do patrão também é honesto, também aceita 10%, mas acontece com bastante frequência que, com a ajuda de falsos pesos e desclassificando a fina, tornando-a entre fina, o pobre seringueiro se vê, no fim, em vez de receber dois ou três mil francos, dever para o patrão 1.200 ou 1.500 francos, de modo que, para pagar sua dívida, com muita frequência fictícia, ele é obrigado a permanecer ainda uma estação com o patrão e prolongar assim indefinidamente sua dívida. (ibidem, p. 58)

Observa-se que “os sertanejos trouxeram o arrojo e a ambição que propiciaram a riqueza. Graças a eles também foi possível que se escrevesse aquela página gloriosa para o desbravamento do Oeste, que foi a penetração e a conquista do Purus e do Juruá, de que resultou o domínio brasileiro no Acre.” (BATISTA, 2006, p.71).

Assim, ao mesmo tempo em que estes homens e mulheres, que contribuía para o desenvolvimento da região, eram expropriados de suas vidas e dignidade, eram também a principal causa de enriquecimento do patrão que, em muitos casos, negava-lhes o mínimo a que tinham direito, os lucros e benefícios advindos do seu trabalho, não tendo, dessa forma, como pagar as dívidas, contraídas desde a saída do seu lugar de origem.

Por outro lado, o missionário tinha a possibilidade de verificar a opulência em que vivia o seringalista dono do poder e dos bens de consumo, pois, em geral, hospedava-se nos barracões e eram sempre bem servidos. Homens que ditavam as normas, os preços e comandavam a vida naquelas paragens, em geral, figuravam como aqueles que sempre eram os primeiros e os que tinham condições de oferecer estadia aos missionários, como é possível observar no relato:

Demo-nos um abraço bem cordial, desejamo-nos mutuamente boa viagem, e desembarcamos na casa do Sr. Bonifácio, que nos ofereceu a primeira hospedagem. Antes de começar o nosso ministério apostólico, tivemos que nos hospedar algum tempo na casa do Sr. Bonifácio, que insistia em nos dar essa prova de estima para apagar todo e qualquer, dizia ele, do seu

infeliz ataque ao bom padre Cabrolié, que o leitor não esqueceu sem dúvida (CUNHA, 2009, p.20).

Desta forma, fica fácil perceber um dos motivos pelo qual a Igreja não quebrava o silêncio em relação à exploração e aos desmandos dos poderosos do seringal, visto ser necessário manter uma relação de cumplicidade, de certo clientelismo e, ainda, utilitarista. O próprio discurso do cristianismo, em certo sentido, contribui para endossar a ideia de que o bom cristão deve ser temente a Deus e saber conformar-se à condição que lhes é imposta, pois de certa forma isso agrada a Ele. O que acontece aqui vai se repetir em outras épocas, como no período da fundação da Prelazia² do Acre e Purus, sobre o qual afirma Israel Souza,

A esse período corresponde uma postura mais conservadora por parte da Igreja. Há uma “proximidade amiga” entre ela e “os de cima”, conformando aquilo que chamamos de relação triangular (Igreja-Governo-classe dominante) de mútuo favorecimento. A perspectiva teológica que explica e legitima tal relação é chamada por Dom Joaquín de “teologia da conciliação. (SOUZA, 2015)

Tal postura se apresentava de forma muito útil aos patrões, ajudando a manter o conformismo e a obediência dos seringueiros, que não se atreviam a questionar aquilo que era dito ou ordenado. Essa situação perdura por muito tempo.

Enquanto a Igreja cumpria seu papel de salvar almas, até certo ponto contribuía para a manutenção daquela relação de semi-escavidão entre patrões e seringueiros, e para eles, os patrões, era favorável manter um aliado como a Igreja. Referindo-se a um período mais à frente nas relações estabelecidas durante a fundação da Prelazia do Acre e Purus, é possível verificar que há um processo muito semelhante com o que ocorria durante os primeiros povoamentos da região do Acre,

Portanto, a manutenção daquela ordem consumia os esforços dos prevaletidos e os unificava numa aliança significativamente sólida. As autoridades governamentais colocavam à disposição da Igreja seu “capital político estatal”, seu prestígio e o que mais fosse possível através da máquina pública, como as parcerias para a Igreja levar adiante suas obras sociais. A classe dominante, na medida do que não lhe configurasse prejuízo, oferecia a ela seu “capital econômico” e tudo o que disso pudesse

² Conforme o Código de Direito Canônico, é uma circunscrição territorial onde a Igreja atende aos fiéis, tendo o mesmo caráter de uma Diocese. (Conferir CDC, CNBB)

ser derivado. A Igreja, por seu turno, colocava à disposição de ambos seu “capital religioso” (simbólico-ideológico), pondo-se ao lado deles com toda a autoridade de uma instituição que se considera - e é considerada por muitos - representante de Deus na terra, de modo que à relação triangular de mútuo favorecimento corresponde uma união de poderes/capitais: o político estatal, o econômico e o religioso (simbólico-ideológico) (SOUZA, 2015).

Parrissier admite que “É iníquo, dirão vocês, reconheço, mas não posso fazer nada contra esta realidade [...]” (CUNHA, 2009, p. 58), justamente por haver essa relação de dependência entre a Igreja e a classe dominante, pois até para entrar num seringal e realizar sua missão a Igreja necessitava da autorização dos seringalistas. No livro sobre a História da Diocese de Rio Branco há a afirmação de que “não há um só documento, desse período, que coloque em questão as estruturas injustas, como as relações de trabalho vigentes nos seringais” (PERTÍÑEZ, s/d, p. 482). Assim, é possível perceber que, a Igreja, neste período não estava interessada em questões sociais, sendo sua preocupação maior de caráter interno. Não há uma doutrina voltada para dar atenção às desigualdades, explorações e situações de semi-escravidão como as que ocorriam nos seringais. Não havia uma orientação oral nem documental para que os ministros da igreja se envolvessem nas questões sociais, pois neste período as bases da teologia da libertação ainda não estavam assentadas e ainda não havia interpretações sociais da bíblia.

Assim, vemos que a Igreja, neste período, se afasta da sua dimensão profética, quando desvincula o culto da realidade social das pessoas, preocupando-se apenas com as questões espirituais e deixando a situação de escassez material em que a maioria daqueles fiéis atendidos estava inserida.

3. OS RITUAIS E A RELIGIOSIDADE POPULAR

A presença da Igreja por meio de seus missionários não era muito comum na vida dos habitantes da floresta naquele período, uma vez que o estabelecimento da Prelazia do Acre e Purus vai ocorrer anos mais tarde, ficando estas regiões completamente dependentes das missões vindas de Manaus. Juntando-se a isso, o isolamento, o alto custo e as dificuldades das viagens impossibilitavam a presença frequente de padres na região, bem como a falta de disponibilidade dos mesmos,

uma vez que, em sua maioria, eram estrangeiros que se propunham a fazer estas viagens de exploração e realizar o apostolado na vida dos habitantes da floresta. Por isso, a presença de um padre era sempre muito bem festejada nos seringais, como relata o padre Parrissier, ao iniciar sua missão:

Deram-me uma recepção entusiástica – tão longe quanto se lembrassem eu era o primeiro padre a penetrar nas águas do Tejo. A alegria deste bom povo se manifestou através de foguetes, de tiros de fuzil, e, a julgar pelo número, eu era recebido como uma personagem extraordinária e, além disso, simpática. Notem no entanto que nunca havia sido visto um padre por lá (CUNHA, 2009, p.23).

Na recepção dos missionários há uma lógica quase ritualística que começa pelo patrão colocando a casa e as instalações à disposição deles; em seguida, vem a apresentação e saudação dos presentes, na qual terá, cada um, seu contato com o padre. Conforme o relato de Parrissier “[...] depois dos homens vêm as mulheres, as crianças dos dois sexos para *tomar a benção do padre*. Esta cerimônia é pelo menos tão obrigatória quanto a primeira e consiste no beijo da mão do padre. Durante a cerimônia, o padre diz para cada uma e cada um, fazendo o sinal da cruz: *Deus te abençoe...*”(ibidem, p.23).

O primeiro e principal objetivo das missões nos seringais era realizar as chamadas desobrigações, ou seja, tirar os habitantes destas localidades do débito da obrigação de receber os sacramentos, pois assim procedem os bons e verdadeiros cristãos, conforme a visão da Igreja. Pelos relatos é possível perceber que, muitos destes, não o havia realizado por falta de interesse ou por mero desleixe, excetuando-se um caso ou outro, a maioria deles esperava ansiosamente a presença de sacerdote para poder estar em dia com as obrigações cristãs.

Ao chegar a determinada localidade, a primeira providência do padre era saber quantas pessoas estavam aptas a receber os sacramentos, conforme a doutrina da Igreja prevê; em seguida, era necessário organizar as cerimônias por partes: primeiro vinham os batismos, depois as confirmações e, em seguida, o matrimônio, uma vez que para receber este último, o adulto tem que ser batizado e confirmado na fé cristã. Entretanto, era no momento dessa organização que

ocorriam muitos erros e contradições devido a pouca instrução destes homens e mulheres que habitavam a floresta.

Em sua maioria, muitos deles vinha da região que posteriormente se tornaria o Nordeste do Brasil, região esta eivada de uma intensa religiosidade popular e de muitas e diversificadas formas de se vivenciar o catolicismo. Em muitos casos, essa religiosidade popular era difundida e incentivada pelos próprios padres na região e pela crença em muitos Santos que receberam títulos locais, como é o caso de São Francisco das Chagas em Canindé, no Ceará, conforme observa Parrissier:

Na minha opinião, esta falta de instrução vem de muito mais alto. Primeiramente não há um único padre que resida habitualmente em todo o Juruá. Esta certamente é uma das grandes razões, senão a única pelo menos a mais forte. Uma outra é que a intervalos mais ou menos longos, o bispo envia padres para fazer o que chamamos de serviço do rio, e que consiste em batizar e casar tudo o que se apresenta. Este serviço concluído, eles se preocupam muito pouco com instrução destes pobres infelizes. (ibidem, p. 42)

A ausência dos ministros da Igreja nos seringais fazia com que seus habitantes fossem facilmente enganados ou mesmo desviados da fé cristã pelos regatões³ que estavam, frequentemente, subindo e descendo os rios e, muitas vezes, vendiam artefatos como se tivessem grande valor religioso ou mesmo ficavam vulneráveis aos assédios de outras religiões que procuravam angariar adeptos na região amazônica, como é o caso da maçonaria. Vejamos o que observa o padre Parrissier ao chegar ao quarto que lhe foi oferecido para dormir em certo seringal, deparando-se com dezenas de imagens, umas de santos, outras não.

Explicarei a diferença que há entre os santos e as caricaturas que lhe foram vendidas como tais. Colocá-los-ei de sobreaviso com esses regatões judeus, que sem a sombra de um escrúpulo de mínima honestidade lhes vendem esses horrores como imagens religiosas benzidas pelo papa ou até mesmo como relíquias que repousaram no santo sepulcro de Nosso Senhor em Jerusalém. Esses judeus imundos são os mesmo em todo lugar, traficando de tudo, até mesmo o sentimento religioso. (ibidem, p. 24)

³ Pessoas que percorriam os rios em embarcações, vendendo mercadorias para os habitantes dos seringais.

É possível perceber que havia a ação de muitas pessoas desonestas valendo-se da inocência e da pouca instrução destes habitantes dos seringais e também abusando da religiosidade presente na vida destes povos. Não obstante, havia muitos padres, como é o caso de Parrissier, que demonstram preocupação com estas questões e se esforçam em instruir conforme manda a doutrina católica.

A mesma situação é observada quando se vai conferir os sacramentos, já que havia uma série de dificuldades para estas pessoas. Muitos não sabiam se o filho já havia sido batizado ou não, outros não sabiam que nome escolher para a criança, outros se encontravam muito apegados às práticas devocionais que não estavam de acordo com os rituais romanos. Isso pode ser inferido na narrativa sobre o momento em que a criança vai tomar o sal⁴, durante a cerimônia de batizado que ocorreu no seringal do Sr. Pedro:

O momento psicológico que esta boa gente espera com impaciência é quando o padre coloca os dedos no seu saleiro. Por quê? Vocês se perguntam. É, no entanto, bastante natural para eles! Se ela o tomar facilmente, como uma espécie de guloseima, estará salva, será o homem mais feliz do mundo; ela ama o sal. Enquanto esperam que estes felizes prognósticos se realizem, a criança é neste dia a honra e a alegria de seus pais, e o orgulho do seu padrinho e da sua madrinha. Entretanto se a infeliz criança o toma chorando, o que acontece tanto no Tejo como na França, é um mau sinal. (ibidem, p. 27)

A partir deste trecho é possível notar que a presença de credences populares influenciava de modo decisivo a vida dos seringueiros e das suas famílias, em alguns casos, interferindo de modo negativo durante as cerimônias, cabendo ao padre fazer as devidas correções e instruí-los da forma correta. Mesmo com estes percalços, eles demonstravam sempre boa disposição para as questões da fé e procuram viver de forma regular diante de Deus e da igreja, embora, que muitos casos, isto acontecesse de formas equivocadas e com certo grau de ingenuidade ou fanatismo. Isto se torna evidente quando se relata que “[...] para este bom povo, quem faz milagres? Certamente não é Deus, através dos santos. É simplesmente a estátua deles, seu pedaço de madeira; e dizer-lhes o contrário seria se expor a ser

⁴ Antiga prática de colocar um pouco de sal na boca do batizando, que representava que este deveria ser tempero, ser exemplo, conforme previa o Ritual Romano do Batismo, atualmente abolido por questão de higiene. (ver Ritual do Batismo de Crianças, Paulus)

chamado de herético. Assim, existe um grandíssimo culto das estátuas e das imagens.” (CUNHA, 2009, p.23).

Além das imagens, estas pessoas também eram adeptas de orações das mais diversas possíveis, as quais acreditavam que poderiam livrá-las de todos os tipos de males, servindo como verdadeiros amuletos. O padre também deveria estar atento quanto a isto, orientando e instruindo na medida do possível. Ao falar sobre as orações Parrissier afirma que:

Ordinariamente é um monte de besteiras, como esta: aquele que levar no seu corpo esta oração será preservado do fogo, se ele cair na água não se afogará, os jacarés e outros animais ferozes fugirão com a sua aproximação, as balas inimigas não lhe farão nenhum mal, e na hora da morte Deus perdoará todos os seus pecados (sem confissão) e o receberá imediatamente no seu paraíso etc. “Tomai a benção que dou a uma tal infâmia”, e dizendo isto rasgo em dois o precioso talismã e lhe devolvo os pedaços (CUNHA, 2009, p. 44)

Muitos deles estavam, durante todo o tempo, apegados a orações que lhes eram vendidas pelos regatões, os quais faziam uma bela propaganda dos seus produtos. Para conseguir vender suas mercadorias eram capazes de inventar as histórias mais mirabolantes possíveis e devido a pouca instrução ou inocência dos habitantes da floresta rapidamente conseguiam angariar vários clientes. Muitos deles também conseguiam vender não só produtos de cunho religioso, mas produtos diversos que o barracão também dispunha, por isso, estas negociações eram feitas às escondidas, pois caso o patrão soubesse não permitiria que acontecessem uma vez que tudo que o seringueiro necessitasse para sua sobrevivência deveria ser adquirido no barracão.

Dessa forma, a partir do esforço de alguns missionários, muitas destas posturas iam sendo corrigidas e estas pessoas, de fato, iam vivenciando a fé de acordo com os preceitos da Igreja Católica. Porém, na ausência do missionário, era provável que retomassem suas antigas práticas até que outro chegasse novamente naquele local para reiniciar todo o processo de instruir e catequizar, já que o regatão estava presente com mais frequência do que os ministros da Igreja para fazer-lhes novamente incorrer nos erros comuns sobre a religião, influenciando para que adquirissem suas relíquias das mais variadas possíveis.

CONCLUSÃO

A partir de tudo o que foi exposto é possível afirmar que a Igreja teve um papel preponderante na vida das pessoas que habitavam os seringais acrianos na região do Purus. Através dos trabalhos realizados pelos missionários enviados a estas terras, ela cumpria uma dupla missão: oferecer os sacramentos, fazendo com que cada cristão habitante do interior da floresta estivesse em dia com suas obrigações religiosas, uma vez que, como foi mencionado anteriormente, eles não o faziam pela ausência de missionários nestas regiões para realizar o chamado serviço do rio; ajudava na manutenção da ordem vigente pois, pelo poder e credibilidade que possuía, era uma das poucas instituições que poderia questionar ou mesmo denunciar as relações existentes no ambiente intraseringal.

Contudo, fica evidente certa omissão por parte dos seus ministros que não poderiam, de maneira alguma, se indispor com a classe dominante, questionando ou denunciando seus atos, sendo preciso cautela na forma de tratar aqueles que eram a razão das riquezas auferidas pelo seringal, estabelecendo esta mútua troca de favores. Enquanto eram custeados financeiramente pela classe dominante, mantinham com esta uma relação de apoio e amizade fazendo com que fossem legitimadas as relações de poder existentes. O seringalista era o detentor da voz dentro do seringal, quem ditava as normas, estabelecia os preços, estipulava os pesos e os valores pagos nas negociações com os empregados. Não era permitido que nenhuma outra pessoa ou instituição externa se intrometesse nas regras estabelecidas no seringal, pois quem ousasse tal atitude poderia, de certa maneira, ser banido ou proibido de entrar nele.

Outra questão que contribuiu para que houvesse esta omissão por parte da igreja era o fato de que, nesse período, seus ministros ainda não haviam adquirido uma consciência de participação e de observação das questões sociais para poder denunciar ou questionar. Essa postura só será assumida anos mais tarde, especialmente a partir do Concílio Vaticano II, no qual se volta mais para observar as necessidades espirituais e materiais dos fiéis e procura atendê-las, modificando seus cultos e rituais de forma a se aproximar mais da realidade das

pessoas, além de possibilitar interpretações de caráter mais social da bíblia, especialmente com o surgimento da Teologia da Libertação.

A postura de omissão era, com certeza, a esperada pela classe dominante, contando com o apoio de uma igreja solícita e complacente com as regras colocadas, pois lhe seria útil em todas as situações, fazendo questão de manter por perto este fortíssimo aliado, que estava sempre disposto a ajudar da melhor forma possível e fazendo-se presente no interior do seringal. Se a Igreja adotasse uma postura de crítica às relações estabelecidas seria como declarar guerra aos senhores seringalistas da época, uma vez que a ordem social estabelecida não admitia tal atitude e muito menos estava disposta a mudar qualquer forma de tratamento dada aos trabalhadores que viviam naquele regime de semi-escravidão.

Assim, não se pretende dar a última palavra sobre as questões aqui apresentadas, uma vez que ainda há muito que ser dito, inclusive pela própria Igreja. Procurou-se apenas levantar estes questionamentos e discutir suas implicações, para que o interesse pela temática possa se ampliar e, quem sabe, proporcionar outros pontos de vista sobre tais acontecimentos. O fato é que, em maior ou menor grau, a Igreja se beneficiou do seu silêncio em detrimento daqueles que eram explorados pelo sistema do barracão, pela falta de conhecimento e, em muitos casos, pela desonestidade do patrão, contribuindo para a continuidade daquela realidade em que estava inserido o seringueiro e sua família.

Ao que parece, o protestantismo vai se firmar com grande facilidade nos territórios da Amazônia, por ter uma postura um pouco diferenciada que buscava abrir mais os olhos de seus adeptos e, conseqüentemente, conferindo um pouco de independência para fazer juízo de valor sobre algumas questões do contexto social em que estavam inseridos, o que na Igreja Católica ainda não era possível, devido sua forma de se organizar institucionalmente, uma vez que os ministros da época não recebiam uma formação que lhes possibilitasse adotar estas posturas. No entanto, isto é uma hipótese que precisa ser melhor aprofundada e não faltarão discussões a serem realizadas no sentido de ampliar dados elencados neste trabalho, espera-se neste sentido estimular outras pesquisas e discussões que possam ampliar este tema e assim fornecer maiores informações sobre o que de

fato havia na relação Igreja x seringalista x seringueiro para que as lacunas aqui não respondidas se tornem evidentes para os interessados em relação aos problemas aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Djalma. **Amazônia: Cultura e Sociedade**. 3ª Edição. Manaus: Valer, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Tastevin, Parrisier**: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá. Museu do Índio, 2009.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Editora UFJF, 2002.

SOUZA, Israel Pereira Dias de. **A Atuação da Igreja Católica no Acre 1**, 2015. Disponível em :<<http://insurgente coletivo.blogspot.com.br/2015/04/a-atuacao-da-igreja-catolica-no-acre1/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

PERTÍÑEZ, Dom Joaquín. **História da Diocese de Rio Branco (1878-2000)**. Diocese de Rio Branco: s/d.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de bárbaros**: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI/XVII. Manaus: Valer, 2009.